



HEIDEGGER E A “VIA DO PENSAMENTO”: CAMINHOS SEGUINTE, CAMINHOS ANTERIORES *

Heidegger and the “way of thought”: following paths, previous paths

Itamar Soares Veiga **

Resumo: Este artigo trata sobre a “virada” (*die Kehre*) ocorrida na filosofia de Heidegger em 1930. O foco são as vinculações que o filósofo realizou entre o período de *Ser e tempo* e os desenvolvimentos posteriores. Essas vinculações são asseguradas, principalmente, na “Introdução” à conferência de “Que é metafísica” de 1929. O desenvolvimento procura mostrar, mediante as palavras do próprio Heidegger que *Ser e tempo* se constitui apenas como uma “etapa” na via do pensamento. Neste sentido, o objetivo é mostrar alguns elementos iniciais das consequências de se desconsiderar a “virada” no que diz respeito à recepção da obra de Heidegger, destacando, assim, uma continuidade que não pode ser simplesmente ignorada.

Palavras-chave: *Ser e tempo*. Metafísica. Pensamento.

Abstract: This article discusses the “turn” (*die Kehre*) that occurred in Heidegger’s philosophy in 1930. The focus is on the connections the philosopher made between the period of *Being and Time* and subsequent developments. These connections are mainly ensured in the “Introduction” to the 1929 conference “What is Metaphysics?”. The development seeks to show, through Heidegger’s own words, that *Being and Time* constitutes only a “stage” in the path of thought. In this sense, the objective is to show some initial elements of the consequences of neglecting the “turn” with regard to the reception of Heidegger’s work, thus highlighting a continuity that cannot be simply ignored.

Keywords: *Being and Time*. Metaphysics. Thought.

* Artigo recebido em 05.03.2026 e aprovado para publicação em 30.03.2026

** Doutor em Filosofia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS, 2006; professor do PPG-FIL e da graduação do curso de filosofia da Universidade de Caxias do Sul (UCS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4275-0486>. Email: inpesquisa@yahoo.com.br

O estudo sobre a filosofia de Heidegger pode ser direcionado mediante alguns focos determinados, os quais dividem a sua obra em períodos. Esta divisão não é muito polêmica e, geralmente é feita em três grandes conjuntos: a primeira fase anterior à *Ser e tempo*, a fase de *Ser e tempo* e a fase posterior a 1930. Afora isso, existe uma sucessão de temas predominantes em alguns períodos dos anos 40 até 60 do século passado.

A fase primeira fase, na qual Heidegger mantinha relações mais estreitas não somente com neokantismo, mas, também com a fenomenologia. Ela é marcada por um interesse em elaborar os elementos constitutivos de uma ontologia da existência. Esse foi o seu propósito nos anos da década de 20 do século passado. Mas, em relação à recepção da sua obra, outros interesses podem ser acrescentados. Serão, pois esses acréscimos realizados por seus intérpretes, os quais registram (ou deveriam registrar que são elaborações suas), que assumem os riscos de estarem mais ou menos coerentes com o que diz o texto do próprio Heidegger. Apenas como exemplo, entre esses interesses podem estar, por exemplo, em uma investigação sobre o conhecimento baseada em existenciais da analítica existencial de *Ser e tempo*, ou em uma tematização naturalizada da vida a partir de uma revisão da fenomenologia. Trata-se aqui de mais de 50 anos de interpretação, sendo somente que nessa metade de século, já passada, permitiu-se aos intérpretes acesso gradativo à obra completa.

Não obstante as interpretações sejam mais ou menos fiéis, Heidegger imprime um direcionamento para a sua filosofia. Ele deixa claro esse direcionamento, o qual constitui o tema geral desse artigo. Para definir mais precisamente o escopo, serão tratadas as conferências anteriores a 1930, basicamente “Que é metafísica?”, complementadas pelas duas outras conferências: “Sobre a essência do fundamento” e “Sobre a essência da verdade”. Especificamente, a escolha dos limites desse escopo é o acesso que encontrou o ouvinte e/ou leitor de Heidegger entre 1929-30 a respeito da “virada” (*die Kehre*). As três conferências citadas foram pronunciadas até 1929, sendo que “Sobre a essência da verdade” foi publicada somente em 1943, mas aqueles que foram ouvintes tiveram acesso a ela e, também, a discussão que se seguiu. O escopo assim delimitado é complementado pela indicação escrita do próprio Heidegger, mostrando a forma correta de recepção dessas conferências, dispostas em direção à via do pensamento. Isso ocorre por meio da “Introdução” da conferência “Que é metafísica”, escrita posteriormente para em 1949, tendo ocorrido também na carta sobre o humanismo de 1946.

É a partir do ponto de vista ontológico que Heidegger se posiciona na história da filosofia. Mesmo que se tenha que rever o uso adjetivado e o próprio substantivo: “ontologia”. A ênfase em certos momentos de

sua produção filosófica, como é o caso da fenomenologia da analítica existencial, pode conduzir a um reducionismo que não abarca outros desenvolvimentos após 1930. Enfatiza-se muito a fase da hermenêutica da facticidade, avançando até a analítica existencial de *Ser e tempo*, mas, segundo Heidegger, essa fase vai se configurar como uma etapa necessária, que não esgota tudo que foi elaborado. Ele deixa muito claro a sua posição referente ao trabalho anterior desenvolvido em *Ser e tempo* e nas obras adjacentes até 1929.

Portanto, é preciso dar conta do “ir além”, mesmo que intérprete centralize o seu interesse na analítica existencial ou na hermenêutica da facticidade¹. Esse “ir além” é a via do pensamento, a qual se associa imediatamente outros temas: a verdade do ser, a história do ser e o esquecimento do ser. A resistência do intérprete pode ser devido a riqueza de ramificações possíveis, que se pode encontrar percorrendo os âmbitos anteriores da hermenêutica da facticidade e da analítica existencial. Mas, perante uma centralização obstinada em *Ser e tempo*, o caminho do pensamento pode se tornar intratável, o que explicaria a recusa ou negação por parte do intérprete em prosseguir junto com Heidegger. Colocada nesses termos, a história do ser assume uma característica delimitadora, até mesmo impeditiva, para apropriações das conquistas filosóficas da analítica existencial, nas quais muitas de tais “conquistas” são apenas reconstruções adaptadas. Mas, o próprio Heidegger é claro a respeito da sua fase anterior, a qual ele a reúne como sendo aquela de *Ser e tempo* e relê a si mesmo assinalando a sua posição e conformando-a no caminho após 1930.

O tema desse artigo, como foi referido mais acima, é a virada (*die Kehre*) oferecida pelas três conferências. Esse tema permitirá desenvolver uma breve análise das ligações existentes entre a filosofia desenvolvida em torno de *Ser e tempo* e a via do pensamento iniciada a partir de 1930. O objetivo da exposição é sinalizar quais são as consequências considerando uma compreensão mais coerente e coesa com o propósito do próprio Heidegger. O modo de proceder esta pesquisa será expositivo por meio das palavras do próprio Heidegger contidas nas conferências citadas e alguns textos posteriores que remetem a elas, de forma a mostrar como as fontes pesquisadas estão disponíveis já há um bom tempo, o artigo utiliza obras traduzidas para a língua portuguesa.

¹ Permanecendo no âmbito da hermenêutica da facticidade ele pode direcionar a sua pesquisa para outras instâncias, por exemplo, para uma revisão da linguagem-conceitual a partir dos indícios-formais (*formal-Anzeigen*); ou permanecendo na analítica existencial, ele pode direcionar para uma exploração do existencial compreensão e do sentimento de situação para reconstruir uma versão de teoria do conhecimento, ou ainda, explorar a concepção de mundanidade, parágrafos 14 até 27 de *Ser e tempo*, convertendo-os a um pragmatismo, por vezes impactante, mas cujas bases devem ser retomadas. Enfim, são muitas ramificações possíveis dos exemplos acima citados.

1. Os marcadores do horizonte ontológico da investigação de Heidegger

A afirmação de que Heidegger manteve uma preocupação com respeito a pergunta pelo ser ao longo de toda a sua obra, não é de forma uma novidade. Esse tipo de afirmação pode ser encontrado nas mais diversas introduções de filosofia e, mais ainda naquelas dedicadas ao próprio autor. Entretanto, pode-se dizer que é uma característica das afirmações simples possuir uma profundidade esquecida, permanecendo inexplorada.

Nesse cenário de aparente evidência repousam outros interesses que se agregam, por vezes se sobrepondo aos interesses do próprio Heidegger. Esses outros interesses são representados por adaptações, recortes e apropriações de articulações e de constructos novos. Um exemplo disso é o pragmatismo de inspiração a partir de Hubert Dreyfus ou uma filosofia prática de viés kantiano como aquela que tentada por Stephen Crowell. Existem certamente mais exemplos, mas não é esse o foco do artigo. Deve-se ter em conta que a tarefa de retomar a importância do ser está pendente e isso significa reposicionar o interesse que pode ser denominado como “ontológico”, independente da disciplinarização da filosofia, a qual pode ser e é criticada por Heidegger. Entretanto, o interesse pelo ser, ou seja, o problema do ser é um elemento de coesão fundamental da filosofia e do pensamento² deste autor.

Reposicionar o interesse pelo ser significa retomar a investigação pela proximidade do ser. Podemos encontrar todas essas ações na filosofia de Heidegger, como aquelas denominadas realizadas sob o nome de “via do pensamento”. Torna-se mais fácil se colocar de imediato na posição pós-transição, isto é, para além dos anos 1929-1930, pois resultaria apenas um trabalho compilatório de apresentações de trechos nos quais Heidegger trata afirma o “pensar” e o relaciona à poesia ou sobre trata sobre a linguagem. Mas, a transição realizada em 1929-1930 é que apresenta desafios. Esses desafios são a aceitação ou não da trajetória descrita pelo próprio Heidegger. Esta aceitação pode dividir os intérpretes colocados em posições específicas no conforto de uma região conceitual circunscrita. Entretanto, Heidegger apresentou a mudança que fez e ocorreu na sua filosofia, discorrendo sobre a diferença entre “filosofia” e “pensamento”.

O mais importante não é trazer uma novidade, mas lembrar do que está encoberto ou soterrado pelos anos de adaptações, de recortes e de apropriações da obra deste autor. Lembrar do que está encoberto ou soterrado

² Cabe aqui uma breve explicitação sobre os termos consecutivos “filosofia” e “pensamento”: o próprio Heidegger afirma, após 1930, que aquilo ao qual ele se dedica é o “pensamento” e não mais a filosofia.

poderia ser feito por meio da história da filosofia com uma recuperação diligente de alguns trechos. Por isso não é uma novidade, mas a presença da dificuldade principal: o ser. É claro que tal processo somente pode ser feito mediante o auxílio arguto de alguns autores, geralmente historiadores da filosofia ou intérpretes, no escopo desse artigo serão utilizados bem poucos autores que não próprio Heidegger. Para fazer isso é preciso preparar o terreno e mostrar como a relação entre o homem e o ser é importante para o próprio para Heidegger e, embora o termo “homem” possa ser compreendido como “*Dasein*”, não necessariamente precisa ser desse modo.

O objetivo dessa seção é reposicionar a importância da investigação ou interesse pelo ser, e mostrar que Heidegger toma esse caminho o qual seria considerado “ontológico”, uma investigação ontológica, isto é, se Heidegger fosse posicionado no cenário tradicional da história da filosofia. Esta classificação se manteria mesmo que Heidegger fizesse, como de fato fez, uma crítica à disciplinarização da filosofia.

Afirmar que a investigação pelo ser é um *interesse ontológico* necessita de um esclarecimento prévio a respeito da palavra “ontológico”, mais precisamente da palavra “ontologia” que não tem registro na Antiguidade. A palavra “ontologia” foi elaborada no século XVII³ e remeteu aos conteúdos da *proté philosophia* de Aristóteles, por isso, necessariamente, se associando à metafísica. Na realidade, ao visar o ser, o uso da palavra “ontologia” refere a esse interesse pelo ser e perfaz um alcance histórico que se coloca mesmo aquém de Platão e Aristóteles.

As perguntas “por que o ser?” e “o que significa o ser na história da filosofia?” se entrecruzam dentro do desenvolvimento da filosofia no ocidente. São necessárias algumas cautelas para que tais interrogações não remetam a uma espécie de lugar comum. O lugar comum sobrevém geralmente quando se evita os filósofos anteriores a Sócrates e se inicia com uma exposição a partir de Platão e depois Aristóteles e assim por diante. Uma compreensão que posiciona coerentemente Platão e, também, Aristóteles deveria remeter aos “filósofos” conhecidos como pré-socráticos.

Retornando a Heidegger, em uma introdução escrita em 1949 para a conferência “O que é metafísica?”, ele expõe as consequências de se compreender a metafísica diretamente a partir de Platão e Aristóteles. No trecho abaixo afirma que o modo como se compreende a verdade como “enunciação”, ou permeada pela representação não permitem o acesso a

³ Junto com a palavra “ontologia” foi elaborada uma outra como alternativa: “ontosofia”. A palavra que persistiu em uso foi “ontologia”.

“algo mais originário”. Ao mesmo tempo acrescenta que não se trata de um “renascimento” dos filósofos mais remotos, enfim, as suas palavras são as seguintes:

[...] A essência da verdade sempre aparece à metafísica apenas na forma derivada da verdade do conhecimento e da enunciação. O desvelamento, porém, poderia ser algo mais originário que a verdade no sentido da *veritas*. *Alétheia* talvez fosse a palavra que dá o aceno ainda não experimentado para a essência impensada do *esse*. Se a coisa fosse assim, sem dúvida o pensamento da metafísica que apenas representa jamais poderia alcançar esta essência da verdade, por mais afanosamente que se empenhasse historicamente pela filosofia pré-socrática; pois não se trata de algum renascimento do pensamento pré-socrático – tal projeto seria vão e sem sentido – trata-se, isto sim, de prestar atenção ao advento da ainda não enunciada essência do desvelamento que o modo como o ser se anunciou. Entretanto, velada permanece para a metafísica a verdade do ser ao longo de sua história, de Anaximandro a Nietzsche. (HEIDEGGER, 1983, p. 57, Introdução de 1949).

Essa passagem afirma mais elementos do que meramente negar um “renascimento do pensamento pré-socrático”. No centro da citação está a verdade do ser que é uma das preocupações que assinalam a referida virada de Heidegger para a “via do pensamento”. Mas, esta “introdução”, escrita em 1949, assinala retrospectivamente a virada, demarcando o seu início em 1929, basicamente, com duas publicações: “Que é metafísica?” e “A essência do fundamento”.

A conferência de 1929 sobre “Que é metafísica?” tem como foco inicial o “nada” e a “angústia”. E, são os detalhes mais destacados pelo público quando a conferência foi realizada. Contudo, o importante é a crítica que ela contém ao que se compreende como sendo a “metafísica”. Na “Introdução” de 1949, Heidegger afirma que sua conferência foi mal compreendida, justamente, por causa de uma fixação nos tópicos de seu início, mas não em suas consequências finais. Estes tópicos iniciais são a “angústia” e o “nada”, resultando em uma má recepção. Sobre esta má recepção, Heidegger afirma o seguinte em 1949:

O desenvolvimento desta questão pela preleção que segue desemboca, por sua vez, numa pergunta. Ela se chama a questão fundamental da metafísica e diz: Por que é afinal ente e não muito antes o Nada? Discutiu-se, entretanto, muito sobre a angústia e o nada que foram abordados na preleção. Mas ninguém teve a ideia de meditar por que a preleção que procura pensar, partindo do pensamento da verdade do ser, no nada, e a partir deste, na essência da metafísica, considera a questão formulada como a questão fundamental da metafísica. Será que isto não poria na cabeça de algum ouvinte atento uma suspeita mais grave que todo o zelo contra a angústia e o nada? (HEIDEGGER, 1983, p. 62-63, Introdução de 1949).

Heidegger procura convergir o foco para os parágrafos finais de sua conferência de 1929. Esses parágrafos retomam a metafísica com a in-

terrogação denominada de “questão fundamental”. É tal questão que permanece ignorada quando a repercussão de sua “preleção” permaneceu retida nas palavras “angústia” e “nada”. Segundo ele próprio sugere, lhe pareceu que era difícil aos ouvintes retornarem a questão: por que existe o ente e não antes o nada? Ele relembra o papel de Leibniz na história da metafísica, nesse caso, a “metafísica” em sua forma disciplinarizada. Mas, Heidegger imediatamente assinala a diferença entre o seu encaminhamento e o de Leibniz, tanto é que destaca o fato de não ter citado Leibniz. Enfim, a recepção da conferência, voltada à “angústia”, ao “nada” decepçiona, pois:

Não fica, assim, a preleção aquém de seus propósitos? Isto poderia acontecer visto a dificuldade da passagem da metafísica para o outro pensamento. Não formula a exposição em seu final, com Leibniz, a questão metafísica da causa suprema de tudo o que é? Por que, então, o que seria conveniente, não é citado o nome de Leibniz? (HEIDEGGER, 1983, p. 63, Introdução de 1949).

O foco é a metafísica como tal e como ela foi desenvolvida desde Platão até Nietzsche. Os temas do nada e da angústia, referente ao ente que pode pensar o ser do ente, são introdutórios para a retomada da questão “suprema”: por que existe o ente e não antes o nada? Retomar essa questão significa poder colocar sob juízo o desenvolvimento da metafísica ao longo dos séculos, explorando o que permaneceu como vestígio. Esse vestígio se expressa na suspeita de que o ser não foi efetivamente questionado. Esta suspeita se confirma no planejamento da elaboração de *Ser e tempo*, a qual se dedicou a analítica de um ente, o *Dasein* (ser-aí): “Pela questão final vemo-nos colocados diante da suspeita de que uma reflexão que procura pensar o ser, seguindo o caminho do nada, retorne no fim novamente a uma questão sobre o ente.” (HEIDEGGER, 1983, p. 63, Introdução de 1949).

Trata-se aqui de “suspeitas”, as quais Heidegger teria oferecido na preleção e que poderiam ter sido percorridas. Elas teriam conduzido ao que ele pretendia na preleção, ou seja, a retomada da “questão fundamental”. De todo modo, o seu projeto, vinculado à pergunta pelo ser, está atrelado a este segundo momento da sua filosofia (ou pensamento), em suma, atrelado à interrogação sobre a verdade do ser e nisso sobre a história do ser e o esquecimento. O modo como ele assinala este atrelamento entre a fase de preocupações, em torno de *Ser e tempo*, com a fase posterior a 1930, pode ser claramente constatado nessa passagem da introdução à conferência publicada em 1949:

[...] É preciso meditar o final desta preleção a partir do ponto de vista que lhe é próprio e que em tudo a orienta. Então aquele que é citado como a questão fundamental da metafísica deveria ser formulado na perspectiva da ontologia fundamental, como a questão que brota do fundamento da metafísica e como a questão que por este fundamento interroga. (HEIDEGGER, 1983, p. 63, Introdução de 1949).

Evidentemente, este vínculo ou atrelamento entre as fases da filosofia de Heidegger, principalmente, da época de *Ser e tempo* com a época posterior, criam constrangimentos às tentativas de adaptar a sua filosofia a um pragmatismo ou a uma versão existencial de teoria do conhecimento ou ainda a uma espécie de fenomenologia modificada. Justamente, porque todas essas tentativas devem ainda permanecer no âmbito de *Ser e tempo*, ou mesmo, permanecer no escopo dos anos anteriores a 1927. Isto corta ou ignora os vínculos que próprio filósofo desenvolveu com a fase da verdade e da história do ser a partir de 1930, corta, também, a concepção de que *Ser e tempo* é apenas uma etapa necessária e não o todo da filosofia de Heidegger.

Cabe acrescentar que a desvinculação favorece ao intérprete a permanecer na analítica existencial e no papel de refém para apropriações que visam possíveis reformas do conhecimento, ou revesti-la com elementos da psicologia ou ainda utilizá-la como impulso espúrio para ampliar o escopo da fenomenologia em uma expansão ao mundo natural. Ou seja, estas possibilidades devem sempre evitar e não ter olhos para o que próprio Heidegger afirma sobre a verdade do ser, sobre a história do ser e o esquecimento, e como ele insiste em atrelar todos esses temas a *Ser e tempo*.

Somada a esta pretensa desvinculação, uma interpretação que permaneça centralizada na analítica existencial, procurando de alguma forma modificá-la ou expandi-la, reforça a compreensão tradicional da ontologia. Por isso, o problema do ser, da verdade do ser e a sua história são ignorados. Para que tais temas sejam considerados é preciso, primeiramente, rever a concepção tradicional de ontologia e criticá-la. Manter a compreensão da tradicional de ontologia não contribui para o problema do ser, pois conduz a compreensão pertencente ao âmbito do ôntico. Heidegger tece um comentário a respeito na nota 17 da página 102 da publicação traduzida da conferência “Sobre a essência do fundamento”, veja-se:

Quando hoje se toma em consideração “ontologia” e “ontológico” como clichê e nome para movimentos, então tais expressões são usadas com bastante superficialidade e com desconhecimento de qualquer problemática. É-se da opinião falsa de que a ontologia como questionamento do ser do ente significa “postura” “realista” (ingênua ou crítica) em oposição a “idealista”. Problemática ontológica tem tão pouco a ver com “realismo” que justamente Kant em e com o seu questionamento transcendental pode realizar o primeiro passo decisivo para uma expressa fundamentação da ontologia, desde Platão e Aristóteles. Pelo fato de a gente se empenhar pela “realidade do mundo exterior” não se está ainda orientado ontologicamente. “Ontológico” – tomado no sentido popular-filosófico – significa, contudo – e nisto se revela a sua desesperada confusão –, isto que muito antes deve ser chamado de ôntico, isto é, uma postura, que deixa o *ente* ser em si, o que e como ele é. Mas com isso não se levantou ainda nenhum *problema do ser*,

e muito menos se conquistou assim o fundamento para a possibilidade de uma ontologia. (HEIDEGGER, 1983, p. 102)

Nessa mesma conferência, “Sobre a essência do fundamento”, Heidegger situa o ser-aí (*Dasein*) perante um escopo mais amplo. Este escopo mais amplo diz respeito ao Problema do ser e, mais adiante, ao desenvolvimento da história do ser. Entretanto, na transição efetuada em 1930, ele ainda está ocupado em demarcar os temas referentes à *Ser e tempo* e começar um outro caminho. Como foi referido antes, a permanência dos intérpretes no âmbito de *Ser e tempo*, ignora a passagem à história do ser e, subsequentemente, ao tema do esquecimento do Ser. Não que o intérprete não possa ter as suas próprias opções (e apropriações) perante o conjunto da filosofia de Heidegger, mas pelos menos deveria haver uma espécie de prestação de contas sobre o não acompanhamento, pois o próprio Heidegger elaborou e encadeou o “outro” caminho. Enfim, na conferência “Sobre a Essência do fundamento”, ao tratar do fundamento como verbo, Heidegger afirma diretamente alcance maior do que a facticidade do ser-aí (*Dasein*), leia-se:

“Fundamentar” não será tomado aqui no estreito e derivado sentido do demonstrar de proposições ôntico-teoréticas, mas numa significação fundamentalmente originária. De acordo com isso, fundamentação significa tanto como *possibilitação da questão porquê em geral*. Tornar visível o caráter próprio originalmente fundador do fundamentar, quer dizer, conforme isso, clarificar a origem transcendental do porquê como tal. Procurados não são portanto, os motivos da irrupção fática da questão do porquê no ser-aí, mas procura-se a possibilidade *transcendental* do porquê em geral. (HEIDEGGER, 1983, p. 122)

De uma forma explícita Heidegger afirma que: “clarificar a origem transcendental do porquê como tal” não se reduz e não remete à facticidade do ser-aí. Então, deve-se percorrer um outro caminho. Este caminho visa o “porquê como tal” e, particularmente nesta conferência, o “porquê em geral” está imbricado com os temas da verdade ôntica, da verdade ontológica e da transcendência, essa mencionada na citação acima. Na sequência do texto, ele desenvolve esse “porquê em geral”:

[...]. Com a sua origem o porquê também já se diversifica. As formas fundamentais são: por que assim e não assado? Por que isto e não aquilo? *Por que afinal algo e não nada?* Neste porquê, seja de como for expresso, já reside, porém, uma pré-compreensão, ainda que pré-conceitual, do que-ser, como-ser e (nada) em geral. Isto, porém, quer dizer: já contém a resposta primordial, primeira e última para todo o questionar. A compreensão do ser dá como *resposta* que a tudo precede simplesmente, a primeira e última *fundamentação*. Nela a transcendência é fundamentante enquanto tal. Porque nisso ser e constituição de ser são desvelados, chama-se o fundamentar transcendental *verdade ontológica*. (HEIDEGGER, 1983, p.122, uso de itálicos do autor)

Evidentemente, o uso aqui da adjetivação “ontológica” para “verdade ontológica” não segue a compreensão tradicional do que é a “ontologia”. Pois, essa adjetivação está agora centrada no “problema do ser”, uma necessária centralidade foi exposta na nota 17, citada bem mais acima. Outra evidência, a qual o leitor já deve ter percebido, é que a pergunta contida na citação: “por que afinal algo e não nada?” está presente, também, na conferência primeiramente abordada acima: “Que é metafísica?”

Essas duas conferências de 1929 revelam a abertura de um caminho diferente para o prosseguimento da filosofia de Heidegger, a qual, segundo o próprio filósofo, se encaminha agora para o “pensar” e não mais o “filosofar”. Haja visto os compromissos do “filosofar” habitual da tradição em se submeter seu arcabouço de questões a uma linguagem inadequada, principalmente, inadequada para tratar o “problema do ser”. A abertura de caminho começada, com essas duas conferências, publicadas na época, deixa bem claro o ponto de virada na sua filosofia. Mesmo assim, Heidegger reforça essa mudança nos comentários posteriores a estas conferências.

Por que não acompanhar Heidegger neste “outro caminho”? Certamente Heidegger não se desdiz a respeito dos seus estudos sobre a facticidade e sobre a analítica existencial de *Ser e tempo*. No entanto, ele insiste que há a necessidade também de trilhar este “outro” caminho, ao qual alguns intérpretes denominam de “segundo Heidegger”, mas outros simplesmente ignoram. Mas, o cenário como um todo permite perguntar: em que medida ignorar alguns caminhos de filosofar e/ou pensar não significa tomar o filósofo/pensador de um modo limitado? Ou em que medida fazer uma delimitação permite sustentar que existem diferentes Heidegger(s)? É preciso dar conta das modificações que o filósofo/pensador expressou a respeito da sua própria obra para alcançar uma delimitação necessária. Então, é preciso justificar o não se deter em determinadas épocas, é preciso explicar os motivos das divisões de épocas, a multiplicação de Heidegger(s), pois nada disso é um ponto pacífico. A exploração mais acurada da situação envolveria uma espécie de exegese da obra de Heidegger com o foco na recepção que recebeu. Mas, infelizmente, isso seria um trabalho bem maior do que se pretende neste artigo, pois o mesmo pretende assinalar apenas uma necessidade de explicação inelutável.

A conclusão desta seção ressalta que a filosofia de Heidegger estava efetivamente comprometida com o desenvolvimento de um estudo de fundo ontológico. Esse fundo ontológico se inicia com a pesquisa referente a um ente (*Dasein*), justamente porque tal ente compreende o ser. Entretanto, depois de duas décadas, a partir de 1930, tal pesquisa converge para o que era assinaladamente pretendido: o ser. Portanto, todo esforço assume um estatuto mais completo quando o filósofo trata sobre a verdade do ser e a história do ser. Para consolidar essa hipótese, será abordada na próxima seção a via do pensamento.

2. Os marcadores do pensamento sobre o ser

O desenvolvimento da filosofia de Heidegger até o final do ano 20 do século possui uma homogeneidade que lhe provê uma identidade. Essa identidade pode ser expressa pela preponderância da analítica existencial em vários temas abordados, inclusive, já antes de *Ser e tempo* (1927) e nos restantes anos seguintes. Ao iniciar os anos 30 Heidegger muda a abordagem. Ele modifica a “abordagem” e não o propriamente o núcleo. A mudança assume uma outra característica que não remete mais aos existenciais e manterá o tema do ser a partir do próprio ser e não a partir de uma análise do Dasein. Ele é muito claro a respeito disso quando, em 1946, comenta na *Carta sobre o humanismo*:

[...]A tarefa de repetir e acompanhar, de maneira adequada e suficiente, este outro pensar que abandona a subjetividade foi sem dúvida dificultada pelo fato de, na publicação de *Ser e tempo*, eu haver retido a Terceira Seção da Primeira Parte, *Tempo e Ser* (vide *Ser e tempo*, p. 39⁴). Aqui o todo se inverte. A seção problemática foi retida, porque o dizer suficiente desta viravolta fracassou e não teve sucesso com o auxílio da linguagem da Metafísica. A conferência *Sobre a Essência da Verdade*, pensada e levada a público em 1930, mas apenas impressa em 1943, oferece uma certa perspectiva sobre o pensamento da viravolta de *Ser e tempo* para *Tempo e Ser*. Esta viravolta não é uma mudança do ponto de vista de *Ser e tempo*; mas, nesta viravolta, o pensar ousado alcança o lugar do âmbito a partir do qual *Ser e tempo* foi compreendido e, na verdade, compreendido a partir da experiência fundamental do esquecimento do ser (HEIDEGGER, 1983, p. 136)⁵.

O trecho final desta citação assinala um aspecto importante para compreender a “inversão” realizada por Heidegger. Ele mesmo afirma que não há uma “mudança”, mas sim o alcance de um *tópos*, a partir do qual a obra *Ser e tempo* de 1927 se tornou possível. Este *tópos* é o “esquecimento do ser” e tal “esquecimento” deve ser investigado dentro de uma “história do ser”. O tema da história do ser e do esquecimento do ser estão interligados, pois a “experiência fundamental do esquecimento do ser” é remetida, por Heidegger, à verdade do ser que domina uma época, perfazendo um dos sentidos epocais da história do ser.

É interessante retomar ao início de *Carta sobre o humanismo*, quando Heidegger trata do tema da “consumação”. Essa remete ao “agir”, mas este “agir” deve ser pensado em sua “radicalidade”. Somente pensado radicalmente é que o “agir” assume um reposicionamento do seu significado.

⁴ Trata-se do parágrafo 8, com a indicação da página da edição de *Ser e tempo* utilizada pelo próprio Heidegger. O parágrafo 8 apresenta o plano da obra.

⁵ Esta passagem foi retirada da tradução de *Carta sobre o humanismo*, tradução realizada por Ernildo Stein e consta na segunda edição da coleção “Os Pensadores”. Apenas para registro: há uma outra tradução de Emmanuel Carneiro Leão de 1967, publicada pelas edições “Tempo Brasileiro”.

Para alcançar o reposicionamento é necessário o esforço do pensar. Com o esforço, o pensamento sobre o “agir” atinge a essência do que “é” e junto ao “que é” associa a essência do homem. A passagem inicial de *Carta sobre o humanismo* diz o seguinte:

Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. Sua realidade efetiva é avaliada segundo a utilidade que oferece. Mas, a essência do agir é consumir. Consumar significa *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que, todavia, “é”, antes de tudo, é o ser. O pensar consoma a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas oferece-a ao ser como aquilo que a ele próprio foi colocado pelo ser. (HEIDEGGER, 1983, p. 149)

Heidegger reposiciona o significado do termo “agir” passando da produção “de um efeito” para o “consumar”. O “consumar” só pode remeter ao que “já é” e, se isso for pensado radicalmente, conduz ao ser. O pensamento realiza a ponte entre pensar o ser e a “essência do homem” e, ainda, tal pensamento, ou a possibilidade mesma dessa ponte, advém do ser.

A passagem citada acima trata criticamente sobre a concepção contemporânea do agir e, nisso, reside a crítica de Heidegger, ou seja, ao fato de que “conhecemos o agir apenas como produzir um efeito”. Seria importante retomar de forma resumida o que significa, para Heidegger, nessa mesma época contemporânea, o desenvolvimento da metafísica. Isso poderá ser feito por meio de alguns intérpretes.

Jacques Tauminaux, em seu livro *Leituras da ontologia fundamental – ensaios sobre Heidegger*, oferece uma síntese oportuna. Ele remete a reflexão de Heidegger ao pano de fundo da história da filosofia, dos gregos até hoje:

[...]. Com a doutrina platônica da verdade, a filosofia institui-se como uma ontoteologia que oblitera a natureza intrinsecamente ambígua ou polêmica da *aletheia* pré-socrática em prol da hierarquia ôntica que formam os entes sensíveis, os entes inteligíveis e o ente supremo ou a ideia mais elevada, sendo estes últimos suscetíveis de se darem com plena clareza. A meditação do ábdito constitutivo do ser está, portanto, associada a um segundo tema: a metafísica enquanto ontoteologia institui-se através de uma *obliteração do ábdito do ser*, para o qual, pelo contrário, apontava o dizer pré-socrático. Mas este segundo tema está também ligado a um terceiro. Com efeito, a obliteração do ábdito do ser, constitutiva da metafísica, não é, previne Heidegger, culpa dos metafísicos, a começar por Platão. É, pelo contrário, o modo no qual o próprio ser advém para o homem do Ocidente. (TAUMINAUX, 2000, p. 70, uso de itálicos do autor)

Neste trecho, a ênfase dada por Tauminaux é a “obliteração” realizada primeiramente por Platão e depois continuada através dos séculos. Essa

obliteração incide sobre o significado e o pensamento sobre a *aletheia* pré-socrática. Ocorre uma modificação de interpretação, algo se reduz com a iniciativa platônica ou com “doutrina platônica da verdade”. O que se reduz ou oblitera é, segundo Tauminaux, o “*ábdito do ser*”, a partir desse momento se inicia a metafísica na história da filosofia. Tauminaux denomina este assunto como “segundo tema”.

Mas, o que seria o *ábdito do ser*? Cabe aqui um esclarecimento preliminar. Peter Trawny dedica um pequeno livro ao “*ábdito do ser*” o qual ele nomeia, mais originalmente, como “*adyton*”. Em uma passagem dividida em três pequenos parágrafos, ele oferece uma explicação do que é o “*adyton*”:

Adyton é o lugar do oráculo, das sentenças divinas. Embora inacessível ou de acesso muito difícil, os indivíduos devem adentrá-lo. É que um deus precisa ser “escutado” por alguém que possa transmitir as suas palavras. O seu desejo é abandonar-se e expor-se. Obedecer a um deus é terrível.

Adyton é, ademais, um lugar inacessível de uma salvação e convocação divinas, o lugar onde aquele nele introduzido recebe pela proximidade a palavra e a força. Em questão está entrar *no adyton*, ficar *dentro* dele a fim de se fazer a experiência da origem da vida e da palavra.

A filosofia de Heidegger é o acesso a esse *adyton*, a busca de pensar o que nele acontece. Sem dúvida, não se trata de factualmente adentrar o inacessível (como seria possível), mas de reconhecer um lugar impensável, do qual só conseguimos nos aproximar nesse reconhecimento. É esse lugar que pressupõe o reconhecimento, e não o reconhecimento que pressupõe a experiência da proximidade desse lugar. (TRAWNY, 2013, p. 22)

“*Adyton*” seria a antecâmara da “proximidade” em relação ao ser, um lugar onde se “recebe pela proximidade a palavra e a força”. Portanto, há uma determinação que se dirige em sentido único: do lugar para aquele que acessa esse mesmo lugar, ou seja, para aquele que acessa o *adyton*. Assim deve ser compreendida a última frase sobre o “reconhecimento”, porque esse movimento de reconhecimento não é nosso, mas já pressuposto nesse “lugar”, estando na “proximidade”. Estar na “proximidade” não significa estar no mesmo “lugar”, mas apenas estar próximo. Neste sentido, o ser se subtrai ao homem e o movimento de subtração, assinalado pelo *adyton*, se potencializa na história da metafísica. A “subtração” originária está pressuposta neste “lugar”. Nesse sentido, a esta observação de Trawny sobre o *adyton*, podemos acrescentar o comentário de Otto Pöggeler a respeito da “proximidade”:

A via que Heidegger procura seguir é uma via da proximidade do ser. O ser é o tema da forma clássica do pensamento ocidental, da metafísica. O pensamento de Heidegger, como via na proximidade do ser, não quer ser outra coisa senão a tentativa de percorrer a via do pensamento ocidental. Ao percorrer esta via, Heidegger julga deve saber que a metafísica ocidental nunca resolveu a sua questão, a questão do ser, que o pensamento

ocidental também nunca atingiu o seu fundamento. É legítimo buscar este fundamento, e pressentir, achar e desbravar assim um campo, o qual devido ao predomínio da metafísica deveria permanecer incógnito (*Hw*, 194 e seg.). A via, pela qual o pensamento ocidental se supera, é a via de regresso ao seu fundamento impensado. A via que Heidegger segue alcança a sua obrigatoriedade por não querer outra coisa senão exprimir de modo comprovável os pressupostos impensados do pensamento rotineiro. (PÖGGELER, 2001, p. 15)

A via do pensamento se direciona para o impensado dentro da história do ser. Particularmente, na conferência “Que é metafísica?” Heidegger assinala a importância da via do pensamento ao tentar esclarecer os seus conteúdos na “introdução” publicada posteriormente em 1949. Os esclarecimentos e as vinculações, nas citações, abaixo foram selecionados devido ao fato de incluírem a menção a *Ser e tempo*.

A primeira citação trata sobre a verdade do ser, tomando como ponto de partida o ser e se encaminhando ao todo da obra. Essa perspectiva assinala que, na obra *Ser e tempo*, um pensamento foi posto em marcha. Trata-se de uma passagem que ecoa também num trecho de “*Carta sobre o humanismo*”, Heidegger utiliza as seguintes palavras:

Quando se falar assim, no desenvolvimento da questão da verdade do ser, de uma superação da metafísica, então isto significa: pensar no próprio ser. Um tal modo de pensar ultrapassa o pensamento atual que não pensa no chão em que se desenvolve a raiz da filosofia. O pensamento tentado em *Ser e tempo* põe-se em marcha para preparar a superação da metafísica assim entendida. Aquilo, porém, a que este pensamento dá impulso necessário somente pode ser aquilo mesmo que deve ser pensado. O fato e a maneira de o ser mesmo abordar um pensamento nunca dependem primeira e unicamente do pensamento. Se o ser atinge um pensamento e o modo como o consegue, põe-no em marcha para a sua matriz que vem do próprio ser, para, desta maneira, corresponder ao ser enquanto tal. (HEIDEGGER, 1983, p. 56, Introdução de 1949)

Algumas páginas depois, Heidegger volta a tratar sobre o “pensamento tentado em *Ser e tempo*” e acrescenta uma observação sobre o que significou o empenho dessa obra a partir do tema do esquecimento do ser. Nesse contexto, sempre é importante lembrar que o que foi visado carregou consigo uma crítica à subjetividade e à concepção de *animale rationale*:

[...] O pensamento tentado em *Ser e tempo* está “a caminho” para situar o pensamento num caminho em cuja marcha possa alcançar o interior da relação da verdade do ser com a essência do homem; está em marcha para abrir ao pensamento uma senda na qual medite consentaneamente o ser mesmo em sua verdade. Neste caminho, e isto quer dizer, a serviço da questão da verdade do ser, torna-se necessária uma reflexão sobre a essência do homem; pois a experiência do esquecimento do ser, ainda não expressa

porque exigindo demonstração, encerra em si mesmo a conjectura da qual tudo depende, de que, conforme o desvelamento do ser, a relação do ser com o homem pertence ao próprio ser. Mas como poderia esta conjectura aventada tornar-se mesmo apenas uma pergunta expressa sem que antes se empenhassem todos os esforços para libertar a determinação fundamental da subjetividade e da definição do *animale rationale*...? (HEIDEGGER, 1983, p. 58, Introdução de 1949)

O empenho de *Ser e tempo*, visto a partir do tema do esquecimento do Ser permanece em suspenso, pois “depende” da “conjetura” que versa: “a relação do ser com o homem pertence ao próprio ser”. Tudo depende dessa “conjectura”. Assim o esquecimento do ser não é um produto da negligência humana ou um mal-entendido, como diz Heidegger. Mesmo o esquecimento do ser depende do ser. Por isso, quando se encaminha o final da conferência, ele afirma o seguinte sobre a filosofia:

A filosofia não podia trazer facilmente uma prova mais clara para o poder do esquecimento do ser em que toda ela se afundou – esquecimento que, entretanto, se tornou e permaneceu o desafio herdado pelo pensamento de *Ser e tempo* – do que a sonâmbula segurança com que ela passou por alto a autêntica e única questão de *Ser e tempo*. É por isso que também não se trata de mal-entendidos em face daquele livro, mas de um abandono por parte do ser. (HEIDEGGER, 1983, p. 61, Introdução de 1949)

Finalmente, nas últimas páginas da conferência “Sobre a essência da verdade”, proferida em 1930 e publicada em 1943, Heidegger vincula novamente *Ser e tempo* às reflexões sobre o “pensamento”. Ele usa explicitamente expressões como “ser historial”, “proximidade” e “verdade do ser”. Estes vínculos mostram como o próprio filósofo compreende a sua filosofia, expondo o projeto como um todo. Enfim, para granjear o que o intérprete deve enfrentar, em termos de posicionamento, vamos citar esse trecho de “Sobre a essência da verdade”:

A questão decisiva (*Ser e tempo*, 1927) do sentido, quer dizer, do âmbito do projeto (*Ser e tempo*, p.151), quer dizer da abertura, ou ainda da verdade do ser e não apenas do ente, fica propositalmente não desenvolvida. Aparentemente o pensamento se movimenta no caminho da metafísica e, contudo, realiza, em seus passos decisivos como conformidade para a liberdade como *ek-sistente* e desta para a verdade como dissimulação e errância -, uma revolução na interrogação, revolução que já pertence à superação da metafísica. O pensamento ensaiado na conferência atinge a sua plenitude na experiência decisiva de que somente a partir do ser-aí, no qual o homem pode penetrar, se prepara, para o homem historial, uma proximidade com a verdade do ser. Qualquer espécie da antropologia e toda subjetividade do homem enquanto sujeito não é apenas, como já acontece em *Ser e tempo*, abandonada e procurada a verdade do ser como fundamento de uma nova posição historial, mas o curso da exposição se prepara para pensar a partir deste novo fundamento (a partir do ser-aí). As fases da interrogação constituem em si o caminho de um pensamento que, em vez de oferecer

representações e conceitos, se experimenta e confirma como revolução da relação com o ser. (HEIDEGGER, 1983, p. 145)

Destaca-se na passagem acima que *Ser e tempo* apresenta a “verdade do ser” sob um estatuto de uma questão “propositalmente não desenvolvida”. Diante disso, é difícil conceber que Heidegger ao elaborar *Ser e tempo* não tinha em vista a história do ser e um confronto contra a metafísica, visando uma superação. Trata-se de como ele mesmo refere: uma “revolução na interrogação”, pois, nesse momento de *Ser e tempo* se inicia tal superação.

Enfim, esta seção procurou mostrar a importância da via do pensamento em Heidegger após cerca de 50 anos do início da publicação da sua obra completa. Para expor tal importância, visou-se os trechos nos quais Heidegger explicitamente remete a sua obra mais reconhecida de 1927. Os trechos foram retirados das três conferências citadas ao longo das seções com a predominância da conferência “Que é metafísica?”, diante do conjunto da exposição, afirma-se que é necessário ter em vista ou prestar contas a este itinerário trilhado por Heidegger e defendido como sendo o que ele de fato pretendia. Tal itinerário assinala que os temas tratados em *Ser e tempo* são uma etapa necessária de um projeto mais longo. Por isso, tomar a obra de Heidegger, ou apenas as obras seu entorno como se fossem elementos à parte, sempre será um recorte arriscado que merece uma justificação prévia. Reunidas estas considerações, pode-se alcançar uma conclusão final.

Conclusão

Este artigo buscou fazer uma exposição das consequências de se evitar a via do pensamento proposta por Heidegger dentro de um enfoque bem restrito: o conjunto das três conferências pronunciadas em 1928-1929: “Que é metafísica?”, “Sobre a essência do fundamento” e “Sobre a essência da verdade”, privilegiando as duas primeiras porque além de serem pronunciadas foram publicadas no mesmo ano.

Heidegger elaborou uma filosofia bastante coesa dentro de um vasto conjunto de obras que incluem também os seus cursos semestrais. A análise da coesão da filosofia de Heidegger, mesmo quando essa se modifica na “virada” (*die Kehre*) e converge para o que ele denominou a via do pensamento, não deve se constituir um impeditivo aos seus intérpretes. Ignorar a via do pensamento e com isso os temas da verdade do ser, da história do ser e do esquecimento do ser significa seccionar a obra do filósofo. Esse tipo de “trabalho seletivo”, um trabalho adicional, que procura evitar o tema da via do pensamento, é uma primeira consequência.

Uma outra consequência é que intérprete precisa justificar esse recorte. Não é possível apenas executá-lo e ignorar o percurso assinalado por Heidegger. Pode-se tentar argumentar que a filosofia de Heidegger fracassa ou se “mitologiza” a partir de 1930, portanto, opta-se por permanecer dentro do âmbito da hermenêutica da facticidade e da analítica existencial de *Ser e tempo*. Trata-se de uma posição que não acompanha Heidegger a respeito da poesia, da crítica da técnica, da imagem de mundo, do homem planetário, da maquinação etc., resultando em uma leitura muito mais retrospectiva à *Ser e tempo*.

Pode-se especular que a recepção da obra de Heidegger, mesmo com o pronunciamento das três mencionadas conferências e publicação de duas delas, procurou não integrar o tema da verdade do ser, da história do ser e do esquecimento. Essa alegada não integração, ocorrida nos poucos anos que sucederam as conferências condicionou a recepção de Heidegger a permanecer mais detida em *Ser e tempo* e na analítica existencial, por vezes recuando até à hermenêutica da facticidade. Mas, o próprio Heidegger fez questão de contrapor tal tipo de especulação e manifestou isso na “Introdução” de 1949 (à conferência “Que é metafísica?”) e na carta sobre o humanismo de 1946, nos quais ele é muito claro das vinculações e coesão de seu trabalho e pensamento.

As duas consequências elencadas mais acima são apenas dois subsídios para analisar, amplamente, a recepção da filosofia de Heidegger 50 anos após a sua morte. Seria preciso, ainda, fazer uma seleção prévia de alguns intérpretes, mediante critérios claros e justificados para considerar os detalhes que orientaram no passado e, também, no tempo mais contemporâneo a recepção em geral. O que se procurou aqui é sinalizar uma linha de pesquisa plausível e necessária e com isso reunir subsídios para avaliar a recepção da obra de Heidegger.

Referências

HEIDEGGER, Martin. “Que é metafísica?”. In: *Ensaaios e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2ª edição, tradução: Ernildo Stein.

HEIDEGGER, Martin. “Sobre a essência do fundamento”. In: *Ensaaios e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2ª edição, tradução: Ernildo Stein.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da verdade. In: *Ensaaios e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2ª edição, tradução: Ernildo Stein.

HEIDEGGER, Martin. Sobre o “humanismo”. In: *Ensaaios e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2ª edição, tradução: Ernildo Stein.

PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, tradução: Jorge Telles de Menezes.

TAMINIAUX, Jacques. *Leituras da ontologia fundamental: ensaios sobre Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000, tradução: João Carlos Paz.

TRAUNY, Peter. *Adyton: a filosofia esotérica de Heidegger*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013, tradução: Marcia Sá Cavalcante Schüback.

Itamar Soares Veiga: Doutor em Filosofia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2006); professor do PPG-FIL e da graduação do curso de filosofia da Universidade de Caxias do Sul -UCS.

Endereço: Universidade de Caxias do Sul, Centro de Filosofia e Educação,
Departamento de Filosofia. Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 — Petrópolis
CEP: 95001-970 — Caixa-postal: 1352 — Caxias do Sul, RS